

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

- A. A. MENDES CORRÊA — *A Geografia da Prehistória* — (Publicação do Instituto de Antrop. da Univ. do Pôrto, subsidiada pela Junta de Educação Nacional), 80 págs., 22 figs. Pôrto, 1929.

Compreende êste trabalho os seguintes capítulos: — Legitimidade e âmbito da «Geografia da Prehistória» — História, critérios, cartas — Técnica e interpretação das cartas — A Paleogeografia física — Factos da Antropogeografia prehistórica — Conclusão (com um resumo final em francês).

Nesta publicação o A. põe em destaque uma série de factos que conduzem à demonstração da legitimidade duma Geografia da Prehistória, posta em dúvida por Vallaux.

Estuda e refere o critério geográfico com que actualmente se faz o estudo da Prehistória, o desenvolvimento e o papel da cartografia prehistórica, as tentativas de uniformização dos sinais convencionais para as cartas prehistóricas, as tendências modernas dos trabalhos de Antropogeografia, e, baseado nos elementos que o seu estudo lhe fornece, realça o valor científico incontestável que a Geografia da Prehistória possui, dado o actual critério da Geografia, sobretudo explicativa e sintética.

Salienta os relevantes serviços que a Geografia da Prehistória fornece aos estudos prehistóricos, e augura que mesmo no campo da Geografia Geral, ela venha a influir, determinando novas sugestões, além de confirmações proveitosas para o estudo do complexo problema do remoto passado humano.

SANTOS JÚNIOR.

---

- M. ALEJO VIGNATI — *Cuatro astrágalos de los primitivos habitantes della provincia de Buenos Aires* — An. del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires, t. XXXIII, p. 105 e seg. B. Aires, 1924.

Sabe-se a importância que tem o astrágalo no esqueleto do pé. O estudo cuidadosamente feito pelo autor mostra as diferenças da

conformação desse osso nas raças primitivas da América do Sul. Bastará dizer que sobre alguns destes esqueletos foi fundada a determinação do *Homo pampeanus*, de F. Ameghino, bem como do tipo *H. caput-inclinatus*, descoberto no arroio de Siasgo, e ainda de outros primitivos. Os astrágalos são estudados metódicamente, segundo as normas antropológicas e relativamente aos esqueletos de Necochea, Siasgo, Malacara e Chocori. A comparação é feita também com os símios antropóides e com diferentes raças humanas. As medidas tiradas formam quadros que facilitam os confrontos. A bibliografia é rica e interessante.

BETHENCOURT FERREIRA.

M. ALEJO VIGNATI — *Las antiguas industrias del piso ensenadense de Punta Hermengo* — *Physis*, «Rev. de la Soc. Argentina de Ciencias naturales», t. VIII, 23 de Maio de 1925. B. Aires.

O autor apresenta neste estudo os resultados da observação geológica da localidade que descreve e onde foram encontrados os objectos representativos da indústria primitiva, achados em Punta Hermengo, os quais forneceram motivo a interpretações discutíveis, que A. Vignati expõe com clareza, interessando-nos bastante sobre a teoria destes instrumentos de pedra talhada, de época tão remota. A discussão é esclarecida por copiosa indicação bibliográfica, que constitui valioso recurso para esta ordem de trabalhos arqueológicos.

B. F.

EUGÈNE PITTARD — *Découverte de la civilisation paléolithique en Asie Mineure* — «Archives Suisses d'Anthropologie générale», t. V, Genève, 1929.

Até 1928, vestígio algum do paleolítico fora encontrado na Ásia Menor. Em Agosto desse ano, o eminente professor de Genève e sua esposa descobriram ali, nas margens dum afluente do Eufrates, o Tchakkal, cerca de 5 km. ao sul da povoação de Adi-Yaman, em depósitos aluviais dum antigo curso de maior volume, numerosos instrumentos líticos, que, de acordo com a opinião de Breuil, serão da época aurignacense.

No presente trabalho, o prof. Pittard faz a história da importante descoberta, descreve as condições de jazida e apresenta vários tipos de utensílios descobertos (pedras de arremesso, dis-

cos, raspadores, buris, furadores, lâminas, serras, etc.), alguns deveras interessantes. Vários tipos apresentam afinidades com objectos encontrados na África do Norte. Bons desenhos das peças, em dimensões naturais, ilustram o valioso artigo.

MENDES CORRÊA.

HUGO OBERMAIER & PAUL WERNERT — *La edad cuaternaria de las pinturas rupestres del Levante español* — «Mem. de la R. Soc. Españ. de Hist. Nat.», t. XV, en homenaje a D. Ignacio Bolívar. Madrid, 1929.

A falta de provas estratigráficas que permitam datar as pinturas rupestres do levante espanhol, como seria o achado de pinturas cobertas por depósitos pleistocenos, obriga a recorrer a outros meios para a fixação dessa cronologia. Breuil baseou-se no paralelismo da evolução técnica dessas pinturas e das da arte franco-cantábrica, a pesar da diversidade dos assuntos e ainda das diferenças sob o ponto de vista da existência ou ausência de composições, e da representação ou ausência da terceira dimensão, a profundidade.

As semelhanças entre as duas regiões são sobretudo notáveis na expressão do movimento e na caracterização dos assuntos e motivos. Há também infiltrações recíprocas.

É muito para considerar que a fauna representada no levante é exclusivamente selvagem, faltando-lhe, como à representada nas cavernas cantábricas, os grandes proboscídios quaternários. Também há diferença entre as listas faunísticas sincrónicas do N. da Península e de França. Nas cavernas francesas são motivos frequentes na arte parietal a rena, o mamute e o rinoceronte, ao passo que na Cantábria aparece com frequência o bisonte.

Os AA. expõem ainda largamente as razões paleo-etnológicas em que firmam a sua opinião da idade quaternária das pinturas rupestres levantinas. As cenas representadas, as armas, os adornos, a indumentária, as ocupações são tipicamente paleolíticas. Nada há que revele a existência da agricultura e de animais domésticos.

A lúcida e erudita exposição dos srs. Obermaier e Wernert parece-nos concludentemente demonstrativa da sua tese.

M. C.

JUAN CABRÉ AGUILÓ — Azaila — IV Congresso Intern. de Arqueologia. Barcelona, 1929.

A vários trabalhos seus de detalhe sôbre a povoação ibérica do Cabeço de Alcalá, nós arredores da Azaila (prov. de Teruel), juntou o ilustre arqueólogo espanhol, D. Juan Cabré, por ocasião do Congresso Internacional de Arqueologia de Barcelona, uma notícia de conjunto, bem ilustrada e acompanhada dum mapa-itinerário e do plano geral da acrópole, que dá uma ideia do alto interêsse arqueológico daquela estação e do seu espólio.

Trata-se duma grande cidade do tipo ibérico, que foi incendiada durante as guerras sertorianas, entre 78 a 74 a. C., e não voltou a ser reedificada. A acrópole ocupava todo o Cabeço de Alcalá e suas vertentes e era rodeada pela cidade nas planuras circundantes, havendo também nas proximidades a necrópole respectiva, com sepulturas dos tipos das de Tútugi, Galera, prov. de Granada, também exploradas por Cabré, que, nas escavações da Azaila teve como colaborador D. Lorenzo Pérez Temprado.

O autor estuda primeiro a arquitectura militar da acrópole, muralhas, torres, entradas, escadas e fossos. Seguidamente estuda a arquitectura civil, que é bastante homogênea e de carácter indígena. Descrevem-se calçadas, casas de planta rectangular, templos (dentro dum dos quais apareceram uma ara, uma catapulta carbonisada do tipo da de Ampúrias e fragmentos de vasos hispânicos), fragmentos de mosaicos, e ruínas talvez de termas.

O mobiliário encontrado é abundante e cheio de interêsse: figuras de bronze, uma lucerna de bronze em forma de cabeça de negro, vários simpulos, balanças, oenoches e outros vasos de bronze, uma placa de cinturão de bronze e prata, ornada dos dois lados, numerosas moedas de bronze (que permitiram fixar a data da destruição e incêndio da cidade), cerâmica tosca de tradição arcaica, cerâmica ibérica, cerâmica exótica campaniense, cerâmica do país hispano-latina, etc.

Abundam peças cerâmicas com inscrições hispânicas. Alguns pondera de alabastro teem também inscrições, gravuras de animais (javali, cavalos, etc.), uma quadriga gravada, a gravura dum elefante com a sua torre de guerra, etc. A cerâmica pintada é duma invulgar riqueza ornamental.

M. C.

J. R. SANTOS JÚNIOR — As ruínas castrejas da Cigadonha (Carviçais) — 14 págs., 2 figs. e 2 ests. Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto (Subsidiado pela Junta de Educação Nacional). Pôrto, 1929.

Na Cigadonha ou Cidadonha, de Carviçais, descobriu o dr. Santos Júnior uma bem aparelhada muralha cercado sem descontinuidade um espaço oval de 85 por 71 metros, com uma pequena defesa murada anexa. Os escassos materiais excavados não permitiram precisar a data da povoação, de-certo remota, como fazem pensar notáveis gravuras rupestres descobertas na vizinhança.

O A. transcreve um documento de 1310 onde o topónimo tem a forma *cidadonha*, apontando a sua importância para o esclarecimento da debatida etimologia de Citânia. Realmente estas formas intermédias teem passado despercebidas aos filólogos, a-pesar-de aparecerem com certa frequência na região transmontana: *Cidadonha* (Bobadela, Montalegre, Valpaços, Noura), *Cigadonha* (Carviçais, Padroso) e *Cigaduenhu* (Picote), etc. segundo conseguimos apurar (cf. Trabalhos da S. P. A. E., IV, p. 202).

Ainda por informação do A. temos conhecimento do nome *Cigadães* (comparar com Cividanes próximo de A Guardia), duma povoação galega vizinha de Montalegre.

R. DE SERPA PINTO.

ADOLF SCHULTEN — Ein iberisches Felsenest — Extr. de «Deutsche Zeitung für Spanien». Barcelona, 1929.

O ilustre professor da Universidade de Erlangen dá-nos notícia duns achados arqueológicos, perto da cidade de Alcoy, na cadeia montanhosa sobranceira à costa oriental espanhola.

Descreve-nos o local, de acesso bastante difícil, e a sua admiração por encontrar nesta pequena mas laboriosa cidade, quem se dedicasse duma maneira inteligente e metódica a pesquisas arqueológicas com um fim puramente científico, e não movido só pela vã cobiça de encontrar tesouros escondidos.

Tratava-se dum santuário com estátuas votivas representando mulheres ibéricas, com um manto comprido terminando em baixo por pregas; na cabeça um toucado elevado, coberto pela mantilha.

Já sabíamos, por Estrabão, que as mulheres ibéricas usavam a mantilha por cima duma armação de ferro ou de madeira; e

no santuário do desfiladeiro de Despeñaperros também já tinham sido encontradas figuras com mantilhas. Tão curioso como este toucado é o adorno das orelhas, constituído por grandes discos metálicos. O estilo destas figuras é grosseiro, mas reconhece-se influência de modelos gregos.

Como se encontraram também moedas romanas, deve o santuário ter sido utilizado no tempo do império; mas a sua origem remonta com certeza à antiguidade ibérica, pois os trajes das mulheres são ibéricos.

Ainda mais interessante é o achado duma placa de chumbo, enrolada, contendo uma longa inscrição.

A linguagem é ibérica e, portanto, totalmente incompreensível, pois que além de algumas palavras fornecidas pela tradição, nada mais conhecemos da língua ibérica e as tentativas para lêr o ibérico com o auxílio do basco, do etrusco ou do cretense, não se podem tomar a sério. Mas a escrita é grega da Jónia antiga, pouco mais ou menos do século VI a. C., o que dá um grande valor à placa, pois mostra que este ponto da montanha, a 1:000 metros de altitude, estava em relações com os gregos.

A época da placa, século VI a. C., é aquela em que os forçenses navegavam ao longo da costa em direcção a Tartessos para buscar estanho e prata, época florescente desta cidade em que reinava Arganthonios cuja riqueza era conhecida em longinquas paragens.

A. ATAIDE.

DR. LUIS MONTANÉ — *Histoire d'une Famille de Chimpanzés — Étude physiologique* — Conferência feita na Soc. de Antropologia de Paris, em 2 de Fevereiro de 1928 — *Conférence annuelle Broca*.

Uma opulenta dama cubana que, por distracção e passatempo, se ocupou em criar alguns símios, em particular alguns Chimpanzés, contribuiu para fornecer à ciência o ensejo de conhecer certas curiosidades sobre a fisiologia destes animais, sobretudo quanto à reprodução, fecundação, gestação e à maneira como nêles se dá o parto. Não é possível, no curto espaço de que dispomos, dar sucinta ideia da importância e qualidades deste trabalho, deveras interessante.

O nascimento dum Chimpanzé em cativeiro forneceu ao autor excelente ocasião de fazer observações originais, que vieram completar as que P. Broca deixara de concluir, por falta de material tão difícil de obter. Na presente conferência da Sociedade

Broca, o dr. Montané reedita o estudo feito em 1915 e apresentado à Sociedade Cubana de História Natural. Aproveitando esta oportunidade, o prof. Montané mostra a conveniência da criação dos símios, em granjas apropriadas, com o fim de ter ao alcance certo número destes animais para as experiências que hoje soem praticar-se à custa dêles, mormente aquelas que se executam com a transplantação de órgãos glandulares e com a transmissão de certas doenças, também estudadas nos macacos. Menciona, por isso, como instalação primacial a da Vila Palatino, na Havana, na qual chegaram a albergar-se 18 antropóides: um gibão cinzento, 3 orangos e 14 chimpanzés. Foram estes o objecto de observação e estudo especiais, de que se ocupa o conferente, descrevendo o modo como se juntam e os fenómenos da procreação, com muitos pormenores, que bastante esclarecem a vida destes animais, cuja morfologia e modo de vida, cuja psicologia mesmo, bastante se aproximam das do homem. Daí, a observação do chimpanzé recém-nascido, a placentofagia da mãe, a criação do mesmo, a dentição, as relações entre mãe e filho, de tudo isso nos dá conta o prof. Montané, de forma assás curiosa e digna de registo.

B. F.

FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGÓN — *Ensayo de aplicación de la hoja craneométrica del Congreso de Antropología de Mónaco a un cráneo de gorila* — «Asociación Española para el Progreso de las Ciencias», sessão de 27-V-29. Madrid.

O ilustre professor de Madrid continua neste trabalho a série das suas observações craneométricas nos antropóides. O presente estudo refere-se a um gorilha do sexo feminino. O autor expõe particularmente as bases que adoptou para as mensurações cujos pontos de referência estão relacionados com o desenvolvimento das cristas cranianas.

Determinou especialmente o índice cúbico, utilizável para o cálculo da capacidade craniana no gorilha. Provisoriamente podem adoptar-se os números 1,42 e 1,43.

M. C.

GERALDINO BRITES — *Travaux publiés en 1929* — Coimbra, 1929.

O notável investigador conimbricense reuniu num volume vários trabalhos que publicou em 1929. O autor reedita e comenta

uma antiga memória de Costa Simões sobre um caso de gravidez extra-uterina, descreve as colecções portuguesas de morfologia humana, dá também a bibliografia morfológica portuguesa de 1928 acompanhando-a de análises, apresenta alguns casos de anomalias anatómicas (malformações das extremidades; «scrotum bifidum») e reproduz algumas notas originais sobre a estrutura histológica da traqueia do embrião humano.

O labor científico do prof. Geraldino Brites honra sobremaneira o seu Instituto e a Faculdade a que êle pertence.

M. C.

M. ALEJO VIGNATI—*Dos interesantes variaciones en atlas de aborígenes del noroeste argentino*—Extr. da *Physis* (Rev. de la Soc. Argentina de Ciencias Naturales, t. VIII, págs. 261-263. Dezembro, 1925).

Neste opúsculo continua êste antropologista os estudos feitos sobre restos de Índios meridionais, mostrando algumas variações notadas em alguns exemplares de atlas, pertencentes às colecções étnográficas do Museu da Faculdade de Letras da Universidade de Buenos Aires. Nestas peças achou que o arco anterior se mantinha separado das massas laterais, o que representa atrazo na ossificação das diferentes porções consideráveis que compõem a vértebra, ou seja daquelas massas. Noutra caso encontrou também insuficiência ou atrazo na ossificação dos núcleos correspondentes ao arco anterior do atlas, arco que se reconhece ser formado em parte à custa da participação das massas laterais.

B. F.

VIKTOR LEBZELTER—*Eine Expedition zur umfassenden Erforschung der Buschmänner in Südafrika*—Extr. de «*Anthropos*», Band, XXII, 1927.

O Autor dá-nos uma notícia resumida dos trabalhos científicos por êle executados na África do Sul, relativamente à Arqueologia, Antropologia e Psicologia.

Dos objectos arqueológicos encontrados, conclue que a cultura lítica dos Bochimanes atingiu diferentes desenvolvimentos, conforme os locais.

Até à data desta notícia, tinha o Autor medido 2.055 indígenas e ainda alguns esqueletos dos museus de Durban e Pre-

tória, cujos resultados lhe permitiam concluir que essa população indígena se compunha pelo menos dos seguintes elementos: 1.º, o elemento hamitóide; 2.º, um elemento ainda não descrito, lembrando os malaios e com traços fisionómicos mongolóides; 3.º, o elemento negro; 4.º, o elemento bochimane-hotentote.

As investigações psicológicas feitas em alunos de escolas, levam o Autor a concluir que, sob o ponto de vista do carácter e da inteligência, os resultados não são peores do que os fornecidos pelas médias europeias.

Colheu também alguns elementos de medicina popular e relativos à vida económica dos indígenas.

A. A.

RENATO KEHL—*A Eugenia no Brasil*—«*Brazil Medico*». Rio de Janeiro, 1929.

O Brasil pode orgulhar-se de ser uma das nações do mundo em que as questões de Eugenia teem suscitado mais decididas e proficientes atenções. Existem ali sociedades e revistas de Eugenia, esta é debatida na imprensa periódica e no próprio Parlamento. Em Julho de 1929 reuniu mesmo no Rio de Janeiro um Congresso Nacional de Eugenia.

O dr. Renato Kehl tem sido um dos mais brilhantes e devotados propagandistas dos princípios eugenistas no Brasil. Já nos temos ocupado de vários trabalhos seus a tal respeito. No presente estudo, êle traça a história e a bibliografia do movimento eugenista brasileiro.

Apóstolo duma ideia meritória, o dr. Renato Kehl põe ao serviço dessa ideia uma alta proficiência científica e uma lúcida inteligência. O seu opúsculo de agora é do maior interesse para o estudo dos progressos do movimento eugenista. A bibliografia publicada acusa eloquentemente o valor da sua contribuição pessoal para o êxito desse movimento.

M. C.

QUINTILIANO SALDAÑA—*La Criminologie Nouvelle*—1 vol. de 315 págs.—Les Presses Universitaires de France, Paris, 1929.

Neste volume, ao mesmo tempo substancial e sumário, o illustre professor de Antropologia Criminal da Universidade de Madrid traça magistralmente a evolução da Criminologia e da Penologia, expondo, nos capitulos finais, as suas ideias pessoais sobre o

assunto. Para Saldaña, o espectáculo actual dos tribunais é puro teatro (como dizia Von Ihering, citado pelo autor, «um circo para exercícios de acrobacia dialéctica»), mas a Antropologia Criminal, entendida mais ou menos no sentido lombrosiano, é comparável a um frio museu, no qual, é certo, se arquivam realidades e não ficções, faltando-lhe, porém, a *alma filosófica* necessária a um corpo de doutrina científica.

A nova Criminologia, segundo a conhecida opinião do autor, deve ser pragmatista, e às antigas concepções da Antropologia Criminal deveria substituir-se a da *Antropologia Criminal Integral*, que êle considera o estudo não só do anormal delinquente como do normal, e ainda dos efeitos auto-individuais do crime.

Em seu parecer, a paixão e o hábito devem estar na base das classificações de criminosos; entretanto estas não devem estabelecer tipos mais ou menos irreais, mas séries e graus criminais.

O autor dá grande importância à caracteriologia e à endocrinologia no estudo da génese do acto criminal.

São particularmente interessantes as páginas que consagra à técnica utilizada para a base científica do julgamento (policia científica, criminalística, psicométrie, psicologia do testemunho, identificação, etc.).

Contra a opinião exposta pelo autor, não cremos que a função policial se generalize, se socialize, no futuro, estendendo-se cada vez mais a todos os cidadãos e convertendo cada cidadão num detective eventual. A técnica da policia científica representa, pelo contrário, uma especialização cada vez mais intensa. O que pode e deve generalizar-se a todos os cidadãos é a antipatia pelo crime. E isso não se obtém pela divulgação dos processos de técnica policial, mas por uma educação moral que é uma garantia da felicidade humana no porvir.

O livro do professor Saldaña, síntese luminosa de numerosos trabalhos seus, põe ao alcance dum público menos especializado do que o dos leitores desses trabalhos, as suas ideias fecundas sobre a orientação a imprimir à Criminologia. É digno de figurar em tôdas as bibliotecas cultas.

M. C.

LUÍS DE LEMOS MENDES DE OLIVEIRA — *Da Religião e do Crime (Estudos de sociologia criminal)* — Coimbra, 1929.

O A. expõe as doutrinas das escolas antropológica e sociológica do crime, defende a tese de que a religião contribui para formar e robustecer o senso moral, estuda a religiosidade nos

criminosos e conclui pelo importante papel da religião, especialmente da católica, na prevenção e no tratamento penal da delinquência.

O trabalho não é uma dissertação retórica, ao serviço exclusivo duma intenção confessional, antes é redigido com serenidade e elevação científica que o tornam digno de encómio.

M. C.

ALBERTO VIEIRA BRAGA — *Curiosidades de Guimarães — II. Malta de salteadores. Uma quadrilha de nomeada*, 61 pág. Guimarães, 1929.

Este trabalho é de-veras interessante porque nos mostra um pouco, à face de documentos, as condições de vida e alguns costumes daquela época de incertezas e pouca segurança de pessoas e haveres, que se segue às lutas entre miguelistas e liberais, nas ultimas décadas da primeira metade do século passado.

Inicia o A. o estudo que agora analizamos, focando o ambiente da época, ambiente de molde a permitir o desenvolvimento de numerosas quadrilhas de ladrões, de que nos dão noticia vários documentos do tempo, que êle vai transcrevendo e comentando.

Os roubos sucediam-se num crescendo pavoroso, determinando como consequência e para defesa colectiva as *prevenções e rondas populares* que o sr. Vieira Braga desenvolve em novo capítulo.

A segunda parte do trabalho *Uma quadrilha de nomeada*, que foi capitaneada pelo Padre Lombela, é igualmente tratada com desenvolvimento e acerto. Começa por um esboço biográfico daquele que, antes de ser capitão de ladrões, professou na Ordem de S. Francisco. Estuda-o como frade. Toca em seguida a personalidade do Padre Lombela como chefe da quadrilha que dirigiu e na qual adquiriu pública fama de salteador destemido, ao lado de outros clérigos, 2 frades e 1 padre que também nela operavam.

Vem depois o relato das *proezas da matilha* que são numerosas e algumas cheias de audácia e atrevimento. Um cerco bem organizado captura parte da quadrilha e o seu chefe.

A seguir o A. refere o processo e julgamento, terminando por um capítulo sobre a sentença que condenou o Padre Lombela a degrêdo perpétuo para as pedras de Angoche, com irremissível pena de morte caso voltasse a estes reinos, etc., etc.

Trabalho cheio de interesse que contribui, como elemento

valioso para o estudo do ambiente duma agitada época política da nossa história.

S. J.

AUGUSTO DE OLIVEIRA — Protecção moral e jurídica à Infância — Lisboa, 1929.

O sr. dr. Augusto de Oliveira exerce com distinta proficiência e nobre dedicação o cargo de administrador e inspector geral dos Serviços Jurisdicionais e Tutelares de Monores. No presente volume reúne o autor vários estudos sobre a organização daqueles serviços em Portugal, sobre as diferentes categorias de menores que estão sob a sua alçada, sobre os perigos de certas profissões como factores da imoralidade infantil, sobre a colonização de Angola com menores enviados da Metrópole e sobre a situação dos filhos ilegítimos à face do direito português.

Trata-se de conferências, relatórios oficiais, comunicações a organismos estrangeiros, etc., que o sr. dr. Augusto de Oliveira elaborou com lúcido critério, sólida cultura jurídica, larga informação documental e um louvável amor pelo assunto duma tão alta transcendência social.

M. C.

Portvcaie — Vol. I, 343 págs. e vol. II, 448 págs. Pôrto, 1928-29.

*Portvcaie*, revista ilustrada de cultura literária, científica e artística, publica-se sob a segura direcção dos drs. A. Martins, Cláudio Basto e Pedro Vitorino, continuando as tradições da *Lusa* (Viana do Castelo, 1917-24). Dos numerosos artigos contidos nos dois primeiros volumes referem-se à arqueologia ou etnografia entre outro: J. Leite de Vasconcelos, *O povo português* (I, pág. 3); L. Chaves, *Notação popular de medidas* (I, 107 e 143); Afrânio Peixoto, *Adágios brasileiros* (I, 124 e II, 214); Félix A. Pereira, *Pontes medievais nos Arcos-de-Valdevez* (I, 148, 178 e 249); M. Cardoso Marta, *Folclore* (I, 157); A. de Castro Osório, *Alguns provérbios brasileiros e portugueses* (I, 225); L. Chaves, *Velhas formas de pagamento* (I, 235); A. L. Carneiro, *As linhas na tradição popular etc.* (I, 301); J. Leite de Vasconcelos, *Cartas de amor* (II, 3); A. Viana, *A estação asturiense de Areosa—Viana do Castelo* (II, 24 e 185); M. C. Marta, *De uma carta de namôro* (II, 47); Cláudio Basto, *Arquivo etnográfico* (II, 216); J. J. Nunes, *Dois novas variantes do romance "A Silvaninha"*, (II, 225); L. Chaves, *Origem e trans-*

*formações das horas* (II, 244); F. A. Pereira e P. J. L. Lourenço Loução, *Etnografia do Minho* (II, 264 e 372); A. Viana, *As insculpturas rupestres de Lanhelas* (II, 282 e 350); M. Cardoso, *Anotações de Martins Sarmento acerca da Ponte do Pôrto, sobre o Cávado* (II, 291); M. Portugal Dias, *Adágios portugueses e brasileiros* (II, 373 e 425); A. Viana, *Uma espada de antenas* (II, 417) (esta espada já tinha sido publicada, com a mesma fotografia, pelo dr. A. del Castillo, Bol. de la R. Ac. Galega, XVIII, pág. 261, 1929); R. de Serpa Pinto, *Machados de bronze do Museu Municipal do Pôrto* (II, 421).

R. S. P.

Penha-Fidelis — Vol. I, 14 n.ºs, 300 págs. e numerosas grav. Penafiel, 1927-29.

Concluído o primeiro volume deste repositório regionalista, dirigido pelo sr. Abílio Miranda (A. M.), é deveras para lastimar que não prosiga a benemérita empresa, para arquivar tantos subsídios inéditos recolhidos pelo seu editor e colaboradores, subsídios que doutro modo se perderão.

Registamos os títulos de alguns artigos arqueológicos e etnográficos; C. B. (Cipriano Barbosa), *A Senhora da Saude*, pág. 32; J. de Aguiar, *Os tumulos de Paço de Sousa*, pág. 42 e segs.; A. M., *Origem das danças nas festas de Corpus-Cristi*, pág. 66; A. M., *A espinhela caída*, pág. 94; J. de Pinho, *A ara de Marecos*, pág. 95 (V. *Trabalhos*, IV, 204); A. M., *Fogo-lobo*, pág. 140; J. de Pinho, *Cartas de amor*, pág. 150; A. M., *O bicho*, pág. 159; J. de Pinho, *O tesouro de Gondeira*, pág. 205; J. Leite de Vasconcelos, *Pena e Penha*, pág. 227; etc.

R. S. P.

Anuário de «Eusko-Folklore» — Vol. VII, 141 + 33 págs, Vitória, 1927.

Os trabalhos do «Laboratório de Etnologia e Eusko-Folklore» no ano de 1927, dirigidos pelo ilustre etnógrafo e pre-historiador D. J. M. de Barandiarán, seguiram a orientação dos anos anteriores, publicando-se apenas no *Anuário* as duas Secções: I. *Establecimientos humanos y zonas pastoriles*. II. *Investigaciones prehistóricas*. Numerosas figuras e estampas valorizam o volume.

A primeira parte apresenta documentadíssimos estudos sobre a habitação (Pueblos de Atana e Exquioga, villa de Oñate), cha-

minés e celeiros (*gaiaxe*); terminando por um artigo do prof. Barandiarán em que se aponta a coincidência das áreas pastoris com as megalíticas.

Já nos referimos a um dos trabalhos pre-históricos (*Trabalhos*, IV, pág. 199) sobre arte madalenense, descrevendo os restantes as cuevas de Jentiletxêta e dolmens de Alava.

R. S. P.

---

**Revista del Centro de Estudios Extremeños — Vols. I-III. Impr. de la Diputación Provincial. Badajoz, 1927-29.**

O Centro de Estudios Extremeños, criado por D. Sebastián Guerrero e patrocinado pela Diputación Provincial de Badajoz, tem publicado na sua *Revista* alguns artigos que não devem passar despercebidos aos investigadores portugueses.

Assinalemos: *J. Rincón*, La capitulación de Olivenza y el Tratado de Badajoz (I, 9); *Manuel Marquez*, Relação da Vitória que alcançou o alferes Cristóvão de Carvalho, nos campos da Vila de Olivença contra o inimigo Castelhanos. Em 25 de Setembro de 1641 (I, 171); *A. Cueltar*, Notas sobre el rey Don Sebastián de Portugal (I, 179 e 280; III, 227); *E. Segura*, Castillos de Extremadura (III, 149). Com um preciso comentário de *E. Segura* (II, 365), é apresentado o belo grupo românico da Santíssima Trindade de N. S. de la Granada, que vimos na Exposição de Sevilha, intimamente relacionado com as imagens portuguesas de Mação, Praia do Ribatejo e Tancos (*A. de Matos*. Ilustração Moderna, n.º 37, pág. 455. Pôrto, 1929).

É sobremodo notável o volume dedicado ao humanista Arias Montano. Dentre valiosos artigos sobre arqueologia, bibliografia, diplomática, geografia, história e numismática, cumpre mencionar: *A. Covarsi*. Extremadura Artística (I, II, III passim); *B. Gil*. La música popular en Extremadura (I, 350 e 427; III, 499); *Prof. Hernández-Pacheco*. Fisiografía del Guadiana (II, 511); etc.

R. S. P.